

IDENTIDADE E DIFERENÇA: APROXIMAÇÕES E TENSIONAMENTOS SOBRE O PESQUISAR COM AS PROFESSORAS ALFABETIZADORAS NO CONTEXTO AMAZÔNICO

Antonia Fernanda Dutra Pinto¹
Rozane Alonso Alves²

Resumo: A partir de uma abordagem qualitativa, este artigo propõe apresentar as análises realizadas a partir de um estudo bibliográfico produzido durante o ano de 2022 e 2024 junto à disciplina de Orientação e Atividades de Pesquisa I, II, III e IV. Apoia-se na contribuição pós-crítica e no campo dos Estudos Culturais, enquanto mecanismos teórico-metodológicos que permitem pensar os tensionamentos que as narrativas de autores e autoras propuseram discutir sobre os conceitos de identidade e diferença. Por meio das nossas vivências, das leituras, das anotações, dos estudos realizados e de nossas aproximações com as professoras alfabetizadoras durante a pesquisa, produzimos tensionamentos reflexivos que foram potencializados neste contexto a partir dos elementos que constituem não apenas o fazer docente, mas nossas identidades, que se mostram duvidosas, marcadas pela diferença.

Palavras-chave: identidade; diferença; experiência.

1 Mestra em Ensino de Ciências e Humanidades pela Universidade Federal do Amazonas (2024), especialização em Psicopedagogia e Gestão Escolar pela Universidade Estácio de Sá (2011), graduada em Normal Superior pela Universidade do Estado do Amazonas (2005) e em Pedagogia pela UNIASSELVI (2024). Professora do Ensino Fundamental I do quadro efetivo da Secretaria de Estado de Educação e Desporto Escolar (SEDUC). E-mail: fernandadutrapinto20@gmail.com Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2022482869634934> ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7171-7012>

2 Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Federal de Rondônia (2012), Mestrado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2014) e Doutorado em Educação pela Universidade Católica Dom Bosco (2017). Atualmente é Professora Adjunta no Departamento de Métodos e Técnicas (DMT) na Faculdade de Educação (FACED). Docente Permanente no Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Humanidades (PPGECH/UFAM). E-mail: rozanealonso@ufam.edu.br Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7271103372811887> ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1401-5556>

IDENTITY AND DIFFERENCE: APPROACHES AND TENSIONS ABOUT RESEARCH WITH LITERACY TEACHERS IN THE AMAZONIAN CONTEXT

Abstract: Using a qualitative approach, this article presents analyses based on a bibliographic study conducted during 2022 and 2024 as part of the courses Orientation and Research Activities I, II, III, and IV. It draws on post-critical contributions and the field of Cultural Studies as theoretical-methodological frameworks that enable us to reflect on the tensions raised by authors' narratives concerning the concepts of identity and difference. Through our lived experiences, readings, notes, studies, and our interactions with literacy teachers during the research process, we have developed reflective tensions that were amplified in this context. These tensions stem not only from teaching practices but also from our identities, which appear uncertain and marked by differences.

Keywords: identity; difference; experience.

1 INTRODUÇÃO

Nossos caminhos foram produzidos por experiências e pelos afetamentos ocorridos através das leituras de autores e autoras que transitam pelo campo dos Estudos Culturais e que discutem os conceitos como identidade e diferença. Desse modo, fomos afetadas pelo contexto da pesquisa e pelo campo dos Estudos Culturais, até então, um campo desconhecido. Alheias às discussões, leituras e tensionamentos que se produziram a partir e/ou por meio do campo teórico-metodológico, observamos, nesta escrita, conceitos, abordagens, fluidez, modos de ser, de estar e de pesquisar.

Como pesquisadoras científicas em produção, buscamos ressignificar os nossos modos de ser, não apenas para a produção da dissertação, mas também de perceber as nossas identidades como docentes, pesquisadoras, mulheres, amazonenses, sujeitos inseridos em culturas outras. Vimo-nos no outro e passamos a sermos o outro da diferença.

As experiências nos tocaram, nos marcaram e com elas experienciamos a possibilidade de sermos afetadas para assumirmos outras identidades. Sobre as experiências que nos produzem e nos formam sujeitos desse contexto, é possível dialogar com Larrosa (2022) sobre o sentido da experiência. Segundo o autor, “[...] é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece” (Larrosa, 2022, p. 18). E assim seguimos em busca de um eu inacabado, um sujeito que se constitui na/pela experiência em função dos acontecimentos e a tudo que nos move para assumirmos as múltiplas identidades que nos cercam.

O presente artigo deriva do recorte de um dos capítulos da pesquisa desenvolvida com a colaboração das professoras alfabetizadoras de uma escola da rede estadual de ensino localizada no município de Coari-AM. Este recorte faz

parte de um estudo bibliográfico que compôs o *corpus* da dissertação de mestrado, que iniciou em março de 2022 e foi defendida em fevereiro de 2024.

O objetivo deste trabalho é apresentar as análises realizadas a partir de um estudo bibliográfico produzido durante o ano de 2022 e 2024 junto a disciplina de Orientação e Atividades de Pesquisa I, II, III e IV que se inserem na composição curricular do curso de Mestrado em Ensino de Ciências e Humanidades. Essas discussões fizeram parte da dissertação de mestrado vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Humanidades (PPGECH), do Instituto de Educação, Agricultura e Ambiente (IEAA), da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), campus Humaitá/AM.

Dentro desse contexto, a continuidade do artigo está organizada da seguinte maneira: na próxima seção estão os caminhos metodológicos, as características específicas da pesquisa bibliográfica e apresentamos os caminhos para a produção dos dados da pesquisa com as especificidades da entrevista narrativa ressignificada (Andrade, 2012). Em seguida, discorremos as análises e discussões sobre os conceitos de identidade e diferença a partir das nossas aproximações, das nossas leituras, das nossas anotações por meio dos estudos de autores e autoras que transitam por esses conceitos. E, por fim, as conclusões provisórias.

2 CAMINHOS METODOLÓGICOS

Para este propósito, realizamos uma pesquisa com análise bibliográfica, na qual foram analisadas as implicações sobre os conceitos de identidade e diferença em pesquisas científicas já publicadas. Segundo Sperrhake, Piccoli e Petrikicz (2023, p. 2), as pesquisas bibliográficas buscam “realizar um levantamento sobre as investigações desenvolvidas em um campo ou área de conhecimento com vistas a análises variadas que vão desde a localização geográfica e temporal das pesquisas até as metodologias e referenciais teóricos privilegiados”. São movimentos acadêmicos que se constituíram no mapeamento de artigos, dissertações, teses e livros já publicados que dialogaram sobre os conceitos de identidade e diferença e que pudesse contribuir com a nossa proposta de trabalho acadêmico.

As análises do que já foi produzido sobre as discussões dos conceitos, ora aqui tensionados, demonstraram as exigências de realizar uma revisão bibliográfica e toda a sua complexidade sobre as investigações desenvolvidas. Isso “[...] exige pesquisa em diferentes fontes, critérios explícitos na eleição dos descritores de busca, minúcia no tratamento dos dados [...]” (Piccoli, 2015, p. 9), foram caminhos investigativos que possibilitaram ampliar o conhecimento e os discursos sobre identidade e diferença que merecem visibilidade na produção desta escrita.

Nossas escolhas metodológicas apresentam as articulações promovidas em nossas pesquisas, leituras, anotações, fichamentos de artigos, de livros e das “[...] nossas percepções daquilo que produzimos e dos nossos olhares enquanto pesquisadoras” (Santos; Alves, 2023, p. 5) e professoras amazônidas. Nossas percepções, de algum modo, produziram outros jeitos de pesquisar, atuar e pensar

sobre identidade e diferença nos espaços escolares, que permitiram vislumbrar outras culturas, saberes e experiências.

Mediante essa fundamentação, o ato de pesquisar envolveu elementos subjetivos (González Rey, 2015) por questionar os conceitos identidade e diferença na Educação. Como mecanismo de análises das narrativas produzidas pelos(as) autores(as) que discutem os conceitos abordados nesta escrita, propusemos trabalhar na perspectiva teórico-metodológica dos Estudos Culturais, que se apresentam como um campo de negociações entre procedimentos metodológicos, teorias e áreas específicas para não fixar modos de se fazer/produzir pesquisas.

Os Estudos Culturais transitam fluidamente por contextos diversos rompendo com barreiras epistêmicas e metodológicas como um espaço de “produção de novos saberes acerca dos modos como processos socioculturais estão implicados na construção de nossas concepções sobre o mundo” (Kirchof; Wortmann; Costa, 2015, p. 8), contextos e sujeitos outros.

3 CAMINHOS PARA A PRODUÇÃO DOS DADOS

Nossas aproximações e tensionamentos sobre o pesquisar com as professoras alfabetizadoras no contexto amazônico foram produzidas por meio da entrevista narrativa ressignificada de Andrade (2012) como procedimento para a produção dos dados. Essa técnica permitiu às colaboradoras que utilizassem a comunicação aberta para relatar suas experiências no contexto da alfabetização por meio de uma questão norteadora que emergiu dos objetivos da pesquisa.

Segundo Andrade (2012, p. 174), a entrevista narrativa possibilita retomar “[...] as memórias, as experiências de fatos vivenciados pelas informantes da pesquisa e reinterpretados por elas a partir do momento presente, memórias ressignificadas a partir de outras/novas experiências” para produzir outras e novas identidades.

A entrevista narrativa ressignificada possibilitou ouvir a história de vida das professoras, como elas se constituíram ao longo de um processo cultural, como foram alfabetizadas, como se tornaram alfabetizadoras, os caminhos percorridos no contexto da alfabetização, a relação das identidades alfabetizadoras com a produção das práticas de alfabetização, os métodos de alfabetização, as estratégias pedagógicas, os recursos didáticos e a formação inicial e continuada no contexto da alfabetização.

Foram dialogados seis momentos específicos que nos direcionaram a múltiplos tensionamentos sobre a produção da identidade da professora alfabetizadora e como a diferença está posta e se fez presente nas narrativas docentes. Nossos diálogos ocorreram pessoalmente para percebermos os gestos, mudança de humor e atravessamentos; e, principalmente, passamos a dividir com elas momentos de alegrias e tristezas em rememorar alguns *flashes* de suas vidas. Com as professoras experienciamos sorrisos, lágrimas, conquistas, angústias, preocupação, felicidade, realidade outras, sobre os modos de ser e produzir outros sujeitos na sociedade.

Essas aproximações possibilitaram um relaxamento rigoroso para entendermos a pesquisa, conversas, momentos de “[...] escuta do outro, de um olhar atento ao

outro para facilitar o momento da entrevista” (Andrade, 2012, p. 180) e perceber o outro diferente de mim e suas múltiplas identidades evidenciadas a cada momento que era solicitada a se fazer presente.

Sob as lentes dos Estudos Culturais que permitem, enquanto mecanismo teórico-metodológico, pensar os tensionamentos das narrativas apresentadas pelos autores e autoras que transitam por este campo. Procuramos expor uma forma de pensar sobre o que se tem denominado de identidade e diferença.

4 TRANSITANDO PELOS CONCEITOS: IDENTIDADE E DIFERENÇA³

Será que os processos de nivelamento que muitas vezes promovemos, por meio dos procedimentos didáticos, das estratégias pedagógicas, das práticas de ensino produzidas no contexto da alfabetização no 1º ciclo do Ensino Fundamental I, dos métodos de alfabetização e das relações estabelecidas com outros contextos e sujeitos outros contribuem, de algum modo, na produção das identidades docentes?

Partindo da teoria pós-crítica, procuramos viajar e conhecer um mundo diferente, um mundo inquietante, onde as certezas precisam ser sempre provisórias, um mundo atravessado de posicionamentos diversos e cambiantes. Tentamos nos aproximar de tudo que nos move para pensar os múltiplos processos no contexto das práticas de ensino produzidas pelas professoras alfabetizadoras no interior do Amazonas. Um mundo da diferença, carregado de significados, onde “[...] o que interessa não é pensar se as coisas têm, ou não, uma essência e/ou uma realidade real, estável e independente de nós, senão é pensá-las no significado que adquirem para nós” (Veiga-Neto, 1999, p. 100) e o sentido que damos a tudo que nos move.

Essas identidades assumidas, como pesquisadoras, a partir do campo teórico-metodológico na produção da pesquisa, compõem e recompõem também nossa subjetividade, aberta a novas possibilidades e atentas às informações contidas nas vozes de outros sujeitos na tentativa de encontrar o novo que a pesquisa exige na compreensão de que é possível entender o nosso lugar de fala nos “entre-lugares” (Bhabha, 1998) como algo capaz de prover ferramentas para o processo da pesquisa.

“Esses entre-lugares fornecem o terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação – singular ou coletiva – que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria ideia de sociedade” (Bhabha, 1998, p. 20). Atravessamos por “entre-lugares” totalmente desconhecidos e deslizantes, alheias às discussões outras para problematizar o contexto da alfabetização e a produção de identidades com a colaboração das professoras alfabetizadoras de uma escola de Coari-AM.

3 Este texto trata-se de um recorte da dissertação de mestrado de Antonia Fernanda Dutra Pinto, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Humanidades (PPGECH), do Instituto de Educação, Agricultura e Ambiente (IEAA), da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Humaitá, Amazonas.

Pelo entendimento, a partir de Bhabha (1998, p. 69), para conseguir escrever sobre o outro e a construção dessas identidades docentes, precisamos perceber “[...] que o entre-lugar carrega o fardo do significado da cultura”. Manter-se presente nos entre-lugares da pesquisa é experienciar a espontaneidade das diferentes culturas, na perspectiva de produzir, por meio de nossas aproximações (pesquisadora e professoras alfabetizadoras), narrativas, diálogos e outras relações para a produção de outras identidades.

Nesse jogo de negociação que as identidades (re)constroem na relação com o outro, estar com outro, ouvir e negociar, possibilita ao sujeito pesquisador(a) novas fontes metodológicas e novos olhares sobre o pesquisar e com quem pesquisamos. Transitamos pela nossa subjetividade para não produzirmos uma pesquisa fixa e acabada, precisamos borrar as fronteiras e buscamos constantemente a ruptura do sujeito.

Pertencer e vivenciar os “entre-lugares” não se caracteriza como uma divisão de um local específico, sólido e fixo. Ser o sujeito de “entre-lugares” é escorregar entre as fronteiras. É ser passageiro, instável, fragilizado e líquido. É viver às margens e sobre elas, é transitar aqui e acolá, é negociar e reconstruir continuamente minhas/nossas identidades. É experimentar o mundo da “modernidade líquida” (Bauman, 2001, p. 63), livre para se mover de forma que as nossas inquietações sejam colocadas sob rasura, em rasura de verdades e de olhares fixos e fixados sobre a diferença, desmontando a nós mesmas para então percebermos o outro enquanto sujeito histórico.

“A história continua, e narra sobre novos sujeitos, novos movimentos sociais, novos gêneros textuais, e tantas outras identidades [...]” (Costa, 2007, p. 18), deslocando o processo histórico para produzir elementos outros e novas formas de problematização na construção do eu, desse sujeito com diferentes singularidades, que se afirma nas relações com o outro e na/pela diferença desse sujeito outro.

O sujeito é produto de uma história e vai se constituindo nas inquietações presentes nas relações de poder imbricadas na sociedade. “É preciso pensá-lo [o sujeito] em uma nova posição – deslocada e descentrada – no interior do paradigma” (Hall, 2014, p. 105). Nessas inquietações, buscamos perceber que as identidades e as diferenças surgem de vários elementos cujas combinações podem ser as mais variadas possíveis por conta do processo histórico, dos lugares, do contexto e das relações estabelecidas.

É um jogo complexo, é um campo de tensão operado com a subversão – desestabilizando o olhar, virar do avesso partes de nós mesmos – e submissão, tensionando a forma como a cultura estabelece o jogo da construção das identidades, rearticulado com a relação entre sujeitos e práticas discursivas atravessadas nas relações estabelecidas. Para Silva (2014, p. 84), “[...] o processo de produção da identidade oscila entre dois movimentos: de um lado, estão os processos que tendem a fixar e a estabilizar a identidade, de outro, os processos que tendem a subvertê-la e a desestabilizá-la”.

Pensamos que os processos históricos nem sempre surgem no mesmo lugar, nem causam os mesmos elementos históricos. Procuramos estar abertas ao novo para observarmos os arredores de nós mesmos e identificar o que está oculto. “[...] Isso não significa negar que a identidade tenha um passado, mas reconhecer que, ao reivindicá-la, nós a reconstruímos e que, além disso, o passado sofre uma constante transformação” (Woodward, 2014, p. 28) daquilo que somos e pretendemos ser.

O passado influencia diretamente na construção da identidade do sujeito contemporâneo. A identidade é marcada sempre pela diferença dentro dos critérios e símbolos estabelecidos. Woodward (2014, p. 14) diz que a “[...] identidade é, na verdade, relacional e adquire sentido por meio da linguagem e dos sistemas simbólicos pelos quais elas são representadas” para percebermos outros saberes e não torná-los fixos.

É possível dizermos que a “identidade é uma construção, um efeito, um processo, uma relação, um ato performativo [...]” (Silva, 2014, p. 96). A partir dos escritos de Silva sobre as questões do processo da produção da identidade, sobretudo nas formas de problematização da identidade e diferença, passamos a pensar que a diferença tem o privilégio de contribuir para a formação da identidade do sujeito. Silva (2014, p. 76) acrescenta ainda que “[...] é a diferença que vem em primeiro lugar [...], a diferença não simplesmente como resultado de um processo, mas como o processo mesmo pelo qual tanto a identidade quanto a diferença são produzidas”.

A identidade torna-se ilusória e tem a capacidade de mudar a rota, o seu sentido, sempre que for necessário, vinculada e somada à ideia da diferença, que se refaz na tentativa de produzir novos sentidos para o que vem sendo narrado. “Na trajetória desses deslocamentos e ressignificações é preciso evitar se iludir pelo ideal da totalidade” (Wortmann, 2005, p. 66), uma vez que sempre haverá uma falta ou uma sobre-determinação demasiada ou muito pouco, jamais um ajuste completo, uma totalidade de identidades únicas. Diante disso, define-se o conceito de identidade, baseado nos escritos de Silva (2014, p. 96):

[...] a identidade não é uma essência, não é um dado ou um fato – seja da natureza, seja da cultura. A identidade não é fixa, estável, coerente, unificada, permanente. A identidade tampouco é homogênea, definida, acabada, idêntica, transcendental. [...] a identidade é instável, contraditória, fragmentada, inconsistente, inacabada. A identidade está ligada a estruturas discursivas e narrativas.

É interessante apontar que tais problematizações também se articulam com as novas possibilidades produzidas a partir do campo teórico e metodológico dos Estudos Culturais, escolhido por se tratar de um campo deslizante, ambivalente e maleável para pensar a produção das identidades das professoras alfabetizadoras no contexto da alfabetização.

Heloísa Buarque de Hollanda, em recente exposição em um evento cultural, atribuiu aos Estudos Culturais o conceito de “teoria viajante que se caracteriza por transitar entre diferentes universos simbólicos ou culturais para encontrar novos portos de ancoragem onde se deixam ficar” (Costa, 2004, p. 26). Nesse sentido, Hall

(1996, p. 263) diz que “[...] esse campo sempre foi acompanhado de transtornos, discussões, ansiedade instáveis e um silêncio inquietante”.

Com os Estudos Culturais e por meio das leituras dos escritos de autores e autoras que transitam por este campo, passamos a perceber que “[...] as identidades e as diferenças não são naturais, nem essenciais, são produzidas social e culturalmente, atravessadas pelas relações de poder, isto é, as identidades e as diferenças são negociadas” (Backes, 2005, p. 1) e estão em constante processo de ressignificação. O sujeito não possui um ponto fixo, acabado e pronto, ele sempre está em processo de construção e reconstrução de sua identidade, em busca de um eu inacabado, tão logo ele reconheça que é preciso pensar sem querer anular as diferenças existentes nos sujeitos outros.

Partindo do princípio no qual os sujeitos se identificam, reconhecemos a possibilidade de produzir as representações das diferenças a partir das narrativas que as professoras alfabetizadoras propuseram ao falar de si, e percebemos que, para além de suas identidades, existem outras articulando, forjando, moldando e fabricando efeitos outros no contexto escolar e nas organizações sociais.

A cultura frutifica sua própria categoria de comportamentos ditos desejáveis e indesejáveis. Tal narrativa constrói elementos de produção da identidade. Nesse sentido, a cultura passa a ser “[...] um campo de batalha permanente, onde não se obtém vitórias definitivas, mas onde há sempre posições estratégicas a serem conquistadas ou perdidas” (Hall, 2003, p. 225).

O conceito de cultura aqui apresentado foi no sentido amplo da palavra, de como ela pode contribuir para desnaturalizá-la, para desconstruí-la, para mais uma vez mostrar o quanto ela é circunstancial e imprevista, justamente porque transcorre de relações que foram/são construídas discursivamente e das aproximações com outros sujeitos, ao passo que mudanças são inevitáveis dentro desse campo de lutas sociais.

“A cultura não é uma ‘coisa’ que se dá e/ou que se veste, mas que se negocia nos encontros com outras diferentes culturas” (Backes; Jitsumori, 2009, p. 3). Negociar as formas de problematização do diferente abre espaço a novos caminhos para percorrermos e permanecermos no campo de batalha social. Negociar não como uma brincadeira de criança, *eu vou primeiro e você vai depois*, mas borrar tudo aquilo construído no nosso interior, borrar nossas vestes, entender o outro deslocado de mim e produzir significados a partir do momento em que os sujeitos se identificam, e, para além disso, repensar, ressignificar e reposicionar dentro e fora desse campo de batalha chamado de jogo do poder.

A cultura é um campo movediço, um espaço que se move a cada segundo. Ela é carregada de um silêncio tenso, aflito, instigante, como também exibe um movimento desembaraçado, criativo, dinâmico e que não concorda com o que é imposto pela história. Foi necessário romper com o pensamento fixo e naturalizado marcado pelas representações simbólicas existentes na sociedade que nos constituíram e produziram as múltiplas identidades assumidas.

A partir das nossas leituras, após o ingresso no mestrado, o conceito de cultura baseado no campo dos Estudos Culturais foi entendido como algo que nos governa, que “[...] regula nossas condutas, ações sociais e práticas e, assim, a maneira como agimos no âmbito das instituições e na sociedade mais ampla” (Hall, 1997, p. 18). Trata-se, então, de compreender que a identidade e a diferença são estreitamente dependentes da representação. É por meio da representação, assim compreendida, que a identidade e a diferença adquirem sentido. É por meio da representação que, por assim dizer, a identidade e a diferença passam a existir. Representar significa, nesse caso, dizer: “essa é a identidade”, “a identidade é isso” (Silva, 2014, p. 91).

As pessoas acabam propagando esses marcadores simbólicos. Marcadores fortes e existenciais que acabam classificando a identidade pela nacionalidade, ou, por exemplo, a mulher é vista como sexo frágil, o homem, por outro lado, foi concebido para trabalhar fora de casa e levar o alimento para a família. Articulamos essas inquietações para quebrar com o correto, com os símbolos, com as representações e problematizamos a marcação da diferença a partir das narrativas das professoras alfabetizadoras sobre suas práticas de ensino produzidas no contexto da alfabetização.

Percebemos que existem sujeitos outros transitando por todos os espaços existentes na cultura, entendemos o novo e o outro aos nossos arredores, o diferente sendo reconstruído por inquietantes e diversos artefatos culturais. Percebemos, ainda, a diferença como produções humanas moldando tantos outros para tensionar as múltiplas identidades entrecruzadas nessas relações. Olhamos e vimos que as identidades, mesmo que queiram se colocar como fixas e fechadas, elas entram em processo de ressignificação e são negociadas pelas aproximações entre os sujeitos.

É possível destacar que o sujeito “[...] é apresentado em diferentes situações sociais, e como os conflitos entre estes diferentes papéis sociais são negociados”, (Hall, 2020, p. 21) para pensar e olhar a identidade de outro modo, em permanente processo de (re) construção, sempre sendo formada a cada novo passo vivenciado, a cada nova descoberta, a cada nova experiência. “[...] É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos. Podemos inclusive sugerir que esses sistemas simbólicos tornam possível aquilo que somos e aquilo que podemos nos tornar” (Woodward, 2014, p. 17).

Nessas experiências, vivenciamos os processos que nos movem e experimentamos as ferramentas que as identidades utilizam para traduzir o diferente, o estranho, e ao mesmo tempo percebemos que esse traduzir se constitui como “[...] a marcação simbólica e o meio pelo qual damos sentido a práticas e as relações sociais, definindo, por exemplo, quem é excluído e quem é incluído” (Woodward, 2014, p. 14).

Um lugar para as nossas inquietações foi aquele onde encontramos o novo, manchado, borrado, costurado, permeado de significações, sejam elas fixas ou temporárias. O sujeito é capaz de deslizar na sociedade e perceber o diferente. Isso é indispensável para descortinar “[...] a ideia de que os sujeitos escrevem e falam de

um lugar ou tempo específico/particular, a partir de sua história e de suas culturas” (Alves, 2021, p. 132).

Logo, temos um sujeito que abriga e descarta identidades. “Isto ajudaria a expor as identidades hegemônicas como igualmente problemáticas, além de colocar em questão os critérios supostamente universais segundo os quais tantas outras identidades foram e estão sendo construídas e posicionadas” (Costa, 2007, p. 110) nessas relações que são estabelecidas. Percebemos, a partir dessas implicações, que as identidades transitam nos “entre-lugares”, entre os saberes, entre as culturas e entre as diferenciações, como o líquido que se desmancha no ar.

A identidade é uma ficção passível de constante mudanças vinculadas à ideia de diferença que se reconstrói pelas escolhas de nossas ações a partir das relações de poder estabelecidas. Tão logo sejam problematizadas e articuladas, as identidades e as diferenças são construídas e reconstruídas dentro do contexto escolar. A diferença, portanto, tem o privilégio de contribuir para a formação da identidade do sujeito, ela age sempre em detrimento da identidade. Silva (2014, p. 82) discorre que “[...] a afirmação da identidade e a marcação da diferença implicam, sempre, as operações de incluir e excluir, o que somos e o que não somos”.

Logo, temos um sujeito que se cobre de significado que consequentemente acomoda e agasalha identidades. Afirmar essas identidades “[...] significa demarcar fronteiras, significa fazer distinções entre o que fica dentro e o que fica fora. A identidade está sempre ligada a uma forte separação entre nós e eles” (Silva, 2014, p. 82), questionando a compreensão que temos sobre o nosso eu discursivamente construído de maneira fragmentada e encadeada na construção de sua própria subjetividade. Assim, a subjetividade “[...] envolve os pensamentos e as emoções conscientes e inconscientes que constituem nossas concepções sobre “quem nós somos” [...]” (Woodward, 2014, p. 55).

É inevitável o encontro com o outro, ou o encontro com os sujeitos outros, com o estranho, com o diferente. O outro, não é melhor e nem pior que eu, ele é apenas outro sujeito diferente, que precisa ser acolhido. Um sujeito que transita e produz implicações na realidade interna de cada um, no interior de cada pessoa. Woodward (2014, p. 55) ajuda-nos a refletir sobre a subjetividade, pois ela “[...] envolve, nossos sentimentos e pensamentos mais pessoais. Entretanto, nós vivemos uma subjetividade em um contexto social no qual a linguagem e a cultura dão significado à experiência que temos de nós mesmos e no qual nós adotamos uma identidade”.

A subjetividade está intimamente agarrada no universo pessoal de cada pessoa, no seu próprio mundo, “[...] moldando as formas como as pessoas devem compreender a si próprias, aos outros e a realidade em que estão inseridas” (Costa, 2005, p. 92), numa prisão de singularidade que proporciona uma proliferação de diferenças que nunca será definitiva, exibindo tensões sociais e produzindo outros efeitos, outros sujeitos.

É nessa arena de inquietações sobre a constituição da subjetividade que questionamos “[...] as posições que assumimos e com as quais nos identificamos

constituem nossas identidades [...]” (Woodward, 2014, p. 55) e os nossos modos de ser e estar nos ambientes sociais. A subjetividade é, então, constituída a partir do confrontamento com o outro, com o diferente, como se essa condição não fosse igualmente subjetiva, num tempo em que os processos históricos atingem os nossos anseios, os nossos sonhos e os nossos desejos. Assim, os Estudos Culturais nos ajudaram a entender a nossas subjetividades enquanto pesquisadoras em produção, as identidades de sujeitos outros, forjando-os em suas práticas coletivas e no contexto escolar.

O que foi possível compreender é que “[...] uma das características da subjetividade humana, configurada na cultura e dela constituinte, é a diferenciação marcada pelos indivíduos e dos distintos espaços de vida social” (González Rey, 2015, p. 13). Essa marcação da desigualdade, da alteridade e da distinção é feita tanto por meios de sistemas simbólicos de representação quanto por meio de formas de exclusão social.

Consequentemente, a marcação da diferença é o fator imprescindível em qualquer sistema de classificação: nós/eles, eu/outro. É importante mensurar que “cada cultura tem suas próprias e distintas formas de classificar o mundo. É pela construção de sistemas classificatórios que a cultura propicia os meios pelos quais podemos dar sentido ao mundo social e construir significados” (Woodward, 2014, p. 41).

Nesse sentido, novas questões e comportamentos são sempre produzidos, e a pessoa passa a se tornar responsável por si mesma e pela própria vida. Assim, o sujeito é aquele que tem a capacidade de provocar situações de tensão entre a racionalidade e a lógica, partindo de suas vivências diárias que podem levar à subversão desse complexo sistema.

Entendemos que a proposta do movimento de subversão no contexto escolar lança um olhar das marcas do estranhamento e tenta nos aproximar aos diferentes modos de ser e pensar dos outros sujeitos que ali circulam. Nesses comportamentos subversivos, buscamos ouvir nossas colegas de profissão e entendermos os seus movimentos e as suas negociações escolares e identitárias, colocando-nos também nesse lugar de fala, para narrarmos como sujeitos deste contexto amazonense.

Bauman (2005, p. 19) nos provoca ao problematizar que “as identidades flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta, e é preciso estar em alerta constante para defender as primeiras em relação às últimas”. E as identidades que estão em processo de produção nos cercam por todos os lados, sendo lembradas quando são chamadas a recordar sobre um momento da vida, produzindo efeitos na produção do eu, da minha/nossa identidade.

5 PROVISÓRIAS CONCLUSÕES

Diante das análises apresentadas ao longo do texto e sobre as nossas percepções vivenciadas a partir de um estudo bibliográfico, de nossas leituras, fichamentos,

anotações, estudos e de nossas aproximações com as professoras alfabetizadoras de uma escola do interior do Amazonas, foi possível perceber outras culturas, outras identidades, outros modos de ser, outros afetamentos, outras experiências, outras representações e como a diferença estáposta. Foram aproximações que produziram tensionamentos reflexivos e que foram potencializados neste contexto a partir dos elementos que constituem não apenas o fazer docente, mas nossas identidades, que se mostram duvidosas, marcadas pela diferença.

Propor discussões que articulem dois conceitos para tentar criar possibilidades para perceber como diferentes saberes/conhecimentos são produzidos e por eles ser afetadas foi, enquanto pesquisadoras que atuam com o campo dos Estudos Culturais, uma experiência diferente, atravessada por descobertas e movimentos que se constituíram em identidades outras.

Precisamos caminhar com as narrativas dos autores e das autoras que transitam pelo campo teórico-metodológico e que discutem os conceitos de identidade e diferença para percebermos como eles circularam pelas narrativas das professoras alfabetizadoras nesse processo contínuo de fazer pesquisa, de estar com contextos e sujeitos outros.

A partir das nossas aproximações com este campo, percebemos que, assim como as identidades que se produzem na/pela experiência, as práticas de ensino produzidas pelas professoras alfabetizadoras também se constituem como elementos de experiência entre os sujeitos, entre culturas, entre modos de ser e modos de alfabetizar.

Nessa fluidez proporcionada pelos conceitos abordados e pelo campo dos Estudos Culturais, percebemos outros modos de enxergar a pesquisa, bem como nossas análises, e não as tornar fixas e acabadas. Nossas aproximações e nossos tensionamentos foram ressignificados e articulados às nossas identidades de pesquisadoras e professoras Amazônicas.

Atuar com as professoras alfabetizadoras e perceber as culturas que dimensionaram seus modos de ser, foram aproximações que possibilitaram tensionamentos reflexivos sobre a identidade e a diferença no contexto escolar articulados em suas práticas de alfabetização e nos modos que as constituíram como sujeitos da experiência. O que observamos é que na medida em que nos aproximamos dessas professoras, não apenas no contexto escolar, mas dos modos sociais e culturais nos quais se inserem, elas são afetadas pelas experiências e pelo diferente, constituindo suas identidades docentes.

REFERÊNCIAS

ALVES, Maria Isabel Alonso. **Identidades indígenas em perspectiva:** ressignificação, negociação e articulação em espaços formativos. Curitiba: Appris, 2021.

ANDRADE, Sandra dos Santos. A entrevista narrativa ressignificada nas pesquisas educacionais pós-estruturalistas. In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy

Alves (Orgs.). **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação.** Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012. p. 173-194.

BACKES, José Licínio. A negociação das identidades/diferenças culturais no espaço escolar. In: ANPED, 6, GT: Educação Popular. **Anais...** 2005.

BACKES, José Licínio; JITSUMORI, Carlos Igor de O. Uma articulação teórica para a compreensão das diferenças culturais na escola. In: SEMINÁRIO: POVOS INDÍGENAS E SUSTENTABILIDADE, 3, 2009, Campo Grande. **Anais...** Campo Grande: UCDB, 2009.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BAUMANN, Zygmunt. **Identidade.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

COSTA, Marisa Vorraber. Estudos Culturais – para além das fronteiras disciplinares. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). **Estudos culturais em educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema...** 2. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

COSTA, Marisa Vorraber. Estudos Culturais e educação – um panorama. In: SILVEIRA, Rosa Maria Hessel (Org.). **Cultura, poder e educação:** um debate sobre estudos culturais em educação. Canoas: Ed. ULBRA, 2005. p. 107-117.

COSTA, Marisa Vorraber. Novos olhares na pesquisa em educação. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). **Caminhos investigativos I:** novos olhares na pesquisa em educação. 3. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007. p. 13-22.

GONZÁLEZ REY, Fernando. **Pesquisa qualitativa e subjetividade:** os processos de construção da informação. São Paulo: Cengage, Learning, 2015.

HALL, Stuart. Cultural studies and its theoretical legacies. In: MORLEY, David.; KUAN-HSING, Chen (eds.). **Stuart Hall – critical dialogues in cultural studies.** London; New York: Routledge, 1996.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação e Realidade**, v. 22, n. 2, 1997.

HALL, Stuart. **Da diáspora:** identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença:** A perspectiva dos Estudos Culturais. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2020.

KIRCHOF, Edgar Roberto; WORTMANN, Maria Lúcia; COSTA, Marisa Vorraber Apontamentos à guisa de introdução. In: KIRCHOF, Edgar Roberto; WORTMANN, Maria Lúcia; COSTA, Marisa Vorraber (Orgs.). **Estudos culturais e educação: contingências, articulações, aventuras, dispersões**. Canoas: ULBRA, 2015.

LARROSA, Jorge. **Tremores**: Escritos sobre a experiência. 6. reimpr. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

PICCOLI, Luciana. Apresentação. In: TRINDADE, Iole Maria Faviero; SPERRHAKE, Renata (Orgs.). **(Des)Caminhos Investigativos da Alfabetização**. Jundiaí: Paco Editorial, 2015. p. 9-11.

SANTOS, Jonatha Daniel dos; ALVES, Rozane Alonso. Descolonização de nós mesmos e possibilidades de construir caminhos metodológicos bricolados. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 41, n. 1, jan./mar. 2023.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

SPERRHAKE, Renata; PICCOLI, Luciana; PETRIKICZ, Kamila. Identidade da professora alfabetizadora: análises a partir de resumos de teses e dissertações produzidas no Estado do Rio Grande do Sul. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ALFABETIZAÇÃO – CONBALF, 6. **Anais...** 2023.

VEIGA-NETO, Alfredo. Currículo e história: conexão radical. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). **O currículo nos limiares do contemporâneo**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999. p. 93-104.

WOODWARD, Kathryh. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais**. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

WORTMANN, Maria Lúcia Castagma. Dos riscos e dos ganhos de transitar nas fronteiras do saber. In: COSTA, Marisa Vorraber; BUJES, Maria Isabel Edelweiss (Orgs.). **Caminhos Investigativos III: riscos e possibilidades de pesquisar nas fronteiras**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. p. 45-66.